



FUNAI  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

CEDI - P. I. B.
DATA 23/04/93
COO. JWD 00014

## RELATÓRIO DE VIAGEM

### ÁREA INDÍGENA CABECEIRA DO RIO ACRE

#### GRUPO INDÍGENA JAMINAWA

#### MUNICÍPIO DE ASSIS BRASIL - ACRE

I	- INTRODUÇÃO	
II	- HISTÓRICO .....	01
III	- SITUAÇÃO ATUAL .....	05
IV	- A ÁREA INDÍGENA/CONCLUSÃO .....	11
V	- LEVANTAMENTO POPULACIONAL .....	14
VI	- LEVANTAMENTO: INFRA-ESTRUTURA .....	25
VII	- BIBLIOGRAFIA .....	26
VIII	- REGISTRO FOTOGRÁFICO .....	27

GT PP. Nº 1191/91



FUNAI  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

CI Nº 015 192 - DID

Brasília, 19 de fevereiro de 1992.

Do: Sociólogo MARCO ANTÔNIO DO ESPÍRITO SANTO

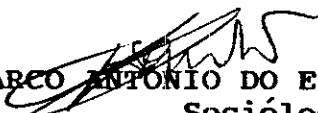
Ao: Sr. Chefe da DID

Senhor Chefe,

Encaminho em anexo, o Relatório de Viagem relativo à identificação da Área Indígena CABECEIRA DO ACRE determinada pela Portaria PP nº 1191/91, de 25.10.91, para ser anexado ao Processo FUNAI/BSB/1286/86.

Solicito providências junto à DDF para confecção de mapa e memorial descritivo.

Atenciosamente,

  
MARCO ANTÔNIO DO ESPÍRITO SANTO  
Sociólogo

SUAF/DID/MAES/dcs



FUNAI  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

## RELATÓRIO DE VIAGEM

### I - INTRODUÇÃO

A Portaria PP nº 1191/91 de 25.10.91 constituiu a Equipe Técnica para proceder aos estudos de adequação dos limites da Área Indígena Cabeceira do Rio Acre, localizada no Município de Assis Brasil/AC.

A referida Equipe contou com a participação da Antropóloga ANA MARIA RIBEIRO CARVALHO LANGE da SEMAM e de JOSÉ CORREIA DA SILVA, um dos coordenadores da UNI/ACRE e líder da comunidade Jaminawa do alto rio Acre.

Até então, havia um levantamento de campo feito pelo GT Portaria 2025/E de 20.06.86, onde se cogitava de uma área de 18.870 ha para usufruto dos Jaminawa, porém sem respaldo antropológico.

De fato, esta proposta não correspondia ao modo de organização indígena e seu processo histórico de apropriação da natureza para a sobrevivência, conforme ficou evidenciado durante nossos estudos de campo.

A área indígena em questão é habitada pelo grupo étnico Jaminawa, da família lingüística Pano, língua Jaminawa, com uma população atual de 205 indivíduos.

### II - HISTÓRICO

Os índios Jaminawa são habitantes tradicionais das cabeceiras dos rios Acre, Iaco, Chandless (afluentes do Purus), em território brasileiro e Tahuamanu em território peruano. Por essa região perambulavam por força de características próprias da sua cultura e após o contato com frentes de ocupação extrativistas, em busca do "bom patrão". São dessa época as primeiras notícias sobre a presença dos Jaminawa na região, ou seja, meados e final século XIX, quando iniciou-se a chegada das frentes extrativistas.

Além dos Jaminawa, registrava-se também na região a presença de várias outras etnias, entre elas os Katiana, Kanamari, Inhamaré, Kapixi e Manchineri (Maniteneri), esta última, até hoje, com história intimamente ligada aos Jaminawa.

No final do século XIX, os grupos indígenas ocupantes das cabeceiras dos rios Acre, Iaco e Chandless encontravam-se em contato com agentes da empresa extrativista, ajudando-os na exploração do caucho, da seringueira, de madeira e peles, o que paulatinamente levou ao desaparecimento dos Katiana, Inhamaré, Kapixi em face da incidência de epidemias e extermínio deliberado através das chamadas "correrias".

Já em 1852, instalava-se o primeiro seringal na foz do rio Purus propiciando a entrada de levas de nordestinos estimulados à ocupação daquelas terras para a produção de borracha.

Ao rio Acre, os nordestinos chegaram em 1877, fundando o seringal Anajás, que veio a dar origem a cidade de Boca do Acre.

As terras que eram povoadas exclusivamente por índios e faziam parte dos territórios peruano e boliviano, nos anos de 1877 e 1878 passaram a receber grandes levas de nordestinos tangidos pela seca que assolava o nordeste brasileiro e incentivados pela campanha de produção de borracha. Os índios, a partir de então, passaram a viver nas "terras dos seringais", numa paradoxal inversão de propriedade.

J.M. Brandão Castelo Branco, em O Gêntio Acreano informa que: "Avelino de Medeiros Caves foi auxiliado pelos Catianas, Canamaris e outras tribos na exploração dos seus vastos seringais no alto Iaco, mas, à proporção que os serviços se iam alargando, chegaram novos colonos e entre estes alguns maus elementos que provocaram o desaparecimento dos indígenas". 12:1950.

"... desavenças entre duas roças, resultou, em alguns lugares, verdadeiras caçadas contra os índios, como aconteceu no alto Iaco, no princípio deste século, em que, sob a chefia de João Alves Vieira, dono do seringal Olinda, foi organizada uma ba





tida contra os Catianas, deixando espalhadas nas margens do rio, dezenas de cadáveres, salvando-se algumas mulheres que se refugiaram em outro seringal, no que se dedicaram com proveito à cultura agrícola". 14:1950.

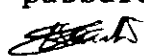
A sobrevivência dos Jaminawa não se deu de forma pacífica, mas através do engajamento forçado ao sistema seringalista, o que provocou a desestruturação social e econômica do grupo. Não tendo mais para onde ir, através das suas relações com os Manchineri, foram induzidos ao trabalho nos seringais.

Parece que os Manchineri se entregaram a esta atividade primeiramente, de forma que foram usados nas "correries" contra os Jaminawa. É possível que tal fato se devesse às diferenças culturais considerando que os Manchineri são de residência fixa, sempre indicados como habitante do rio Iaco. Dos Jaminawas sempre foram comuns os deslocamentos, abandonando casas e roças por ocasião da morte de parentes cujos espíritos - acreditavam eles - permaneciam nos locais.

Até hoje as relações Manchineri/Jaminawa não são muito boas, mas paradoxalmente continuam em convívio através de casamentos interétnicos e uso de territórios comuns.

As relações entre índios e seringueiros se pautaram pelos maus tratos, conforme informava o Serviço de Proteção aos Índios em relatório de 1911: "Continuaram no Acre os trabalhos de agremiação dos maniteneris num posto, futuramente transformável em Povoação indígena, à margem esquerda do rio Iaco. Esses índios, que eram até pouco tempo, desumanamente explorados pelos aventureiros que se estabelecem nessa região longíqua, encontram-se hoje reunidos sob as vistas de um Encarregado para este fim nomeado pelo respectivo inspector".

Porém o processo de exploração da mão-de-obra indígena e o extermínio sistemático de grupos arredios não teve fim pois, subjugados aos patrões e discriminados por serem seringueiros caboclos, os Manchineri e Jaminawa viveram a vagar por seringais em busca das mercadorias industrializadas das quais passaram a depender.





A história do atual grupo Jaminawa se encontra na área conhecida por Cabeceira do Rio Acre, tem como locais tradicionais de assentamento os igarapés Nicolau, Patos e São Lourenço, ( afluentes do rio Acre ), entre outros fora da área delimitada.

Inicialmente habitavam uma aldeia localizada em terras brasileiras, no rio Acre próximo à foz do igarapé Nicolau que nasce no Peru. Não trabalhavam com borracha não havendo aí ocorrência de seringais.

Por volta de 1962, abandonaram essa aldeia por causa de uma epidemia de sarampo, evitando a convivência com os espíritos dos mortos que permanecem no local.

Foram estabelecer-se no igarapé Patos, afluente do rio Acre. Passaram a trabalhar para Coriolano, ligado ao dono do Seringal São Francisco, Benedito Batista, na extração de caucho, madeira e peles.

Em 1966, de volta das cabeceiras do rio Chandless onde foram visitar parentes, passaram pelo rio Iaco ( atual A.I. Mamoadate) onde os Manchineri trabalhavam para Canízio, dono do Seringal Petrópolis, e resolveram ficar, em face das boas possibilidades de aquisição de mercadorias fornecidas pelo Seringal na época.

Quando em 1969 ocorre uma nova epidemia de sarampo, parte desse grupo indígena, liderado por Antônio Jaminawa, retorna ao rio Acre, onde haviam permanecido algumas famílias Jaminawa, estabelecendo-se no local conhecido por São Lourenço, na foz do igarapé de mesmo nome.

O alto rio Acre, por ser uma região mais isolada, era considerado um local seguro contra as doenças transmitidas pelos não índios.

Apesar de constantes desavenças entre os Jaminawa e Manchineri, o grupo dos Jaminawa que permaneceu no Iaco, engajou-se na luta pela demarcação da área conhecida por Mamoadate.

Aparece como liderança desse grupo, José Correia da Silva, que em 1987 sai com os demais de volta para o rio Acre, estabelecendo-se no local <sup>conhecido</sup> por Ananaia. O motivo do retorno se



**FUNAI**  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DO INTERIOR  
GABINETE DA PRESIDÊNCIA

05

deve à novos desentendimentos com os Manchineri e a falta de assistência ao Jaminawa que se sentia discriminado dentro da área Mo\_moadate.

Em 1988, através da Portaria PP 1173, de 15 de setembro, com base no Processo FUNAI/BSB/1268/86, a FUNAI interditou 18.870 ha aproximadamente para efeito de segurança e garantia da vida e bem-estar das famílias Jaminawa habitantes do alto rio Acre. É que a Equipe Técnica formada pela FUNAI/CSN/IBGE/MIRAD/Estado do Acre/Estado do Amazonas e instituída pela Portaria PP Nº 0583/88, de 24.05.88 havia procedido à adequação dos estudos em andamento, aos Decretos Nºs 94.945/87 e 94.946/87 e o GTI emitido seu parecer favorável nº 200/88, em 15.09.88.

Em 1989, os Jaminawa receberam a visita do Antropólogo Artur Nobre Mendes que executou um levantamento para o Programa de Desenvolvimento das Comunidades Fronteiriças Brasileiro-Peruanas como parte do Tratado de Amizade e Cooperação entre o Brasil e o Peru - 1979, originado por sua vez, do Tratado de Cooperação Amazônica - 1979 do qual os dois países são signatários.

Os Jaminawa da cabeceira do Rio Acre constituem hoje três concentrações na margem esquerda do rio Acre, quais sejam, Ananaia, São Lourenço e Rio Branco e algumas casas dispersas de famílias Jaminawa/Manchineri, inclusive na margem direita em território peruano.

### III - SITUAÇÃO ATUAL

A população Jaminawa encontra-se distribuída na sua maioria em três localidades principais às margens do rio Acre: Ananaia (aldeia sede), São Lourenço (na foz do igarapé de mesmo nome) e Rio Branco (na foz do igarapé de mesmo nome).

Algumas famílias encontravam-se fora, trabalhando como mão-de-obra na extração de castanha.

Na periferia da cidade de Brasiléia encontramos 07 famílias totalizando 47 pessoas, vivendo em terreno cedido pela Prefeitura, na beira do rio Acre, em condições precárias de moradia e saneamento básico. Algumas famílias se encontram no local há mais de oito anos, em casas de paxiúba, vivendo de pequenas roças, pesca e " dando dia de serviço " para a população local.



**FUNAI**  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DO INTERIOR  
GABINETE DA PRESIDÊNCIA

06

A população atual dentro da área indígena totaliza 205 indivíduos. Esse número oscila em função da mobilidade do grupo, quando algumas famílias saem em visita a parentes, saem para vender sua mão-de-obra ou retornam depois de morar em outros locais.

Além disso, um surto de sarampo contribuiu para o decréscimo da população entre os anos de 1990 e 1991.

#### Censo 1986/1991

1986	- 35	- GT Portaria 2025/E
1988	- 103	- GT PP 0583/88
1989	- 217	- Artur Nobre Mendes
1990	- 320	- UNI/ACRE
1991	- 205	- GT PP 1191/91

#### Distribuição por faixa etária/1991

0	- 15	- 101
15	- 30	- 48
30	- 45	- 25
45	- 60	- 10
+	de 60	- 16

Apenas os velhos não dominam a língua portuguesa, utilizada na cidade e no contato com os Manchineri. Contudo, a língua corrente ainda é o Pano. Grande parte de suas tradições culturais foram perdidas devido às compulsões do contato.

A população é extremamente jovem, tendo 50% dos seus indivíduos na faixa de 0-15 anos; em seguida, um número considerável de adultos constitui a atual força de trabalho.

Os velhos representam apenas 8% da população. Desse, 14 se encontram aposentados pelo FUNRURAL.

Isto significa que os Jaminawa constituem um grupo em franca recuperação populacional, a partir da sua fixação na área, com a adoção de atividades mais sedentárias e organizadas como a criação de animais, a expectativa de assistência governamental na aldeia com a instalação da escola, enfermaria e formação de



professores, atendentes de saúde, técnico em pecuária, mecânica, com elementos da própria comunidade.

Distribuem-se em famílias nucleares isoladas, ou agrupadas por laços de parentesco, podendo abrigar em cada casa, mais de uma família: idosos (mãe, pai, sogro, sogra), netos, viúvos (filhos, irmãos).

A instituição do casamento não se baseia em laços de união sólidos e definitivos. A mulher pode manter relações com mais de um homem até definir-se por um deles, ao tornar público o relacionamento quando então, constitui família ou muda de marido.

Em caso de separação os filhos acompanham a mãe; no impedimento, podem ser entregues aos avós. É comum os casos em que os enteados são também sobrinhos do novo pai.

A idade não constitui uma regra de união, sendo comum homens jovens unidos a mulheres bem mais velhas e natural homens jovens unidos a mulheres jovens. Contudo, parece que a mulher mais velha era considerada a companheira ideal levando em conta sua experiência para o trabalho e tratos domésticos.


A pintura corporal restringe-se à maquiagem facial feita pelas mulheres com baton e lápis vermelhos, onde se pode notar traços do padrão original.

As casas são do tipo regional amazônico; palafitas em paxiúba, compostas comumente de varanda, quarto, cozinha, janelas ocasionais e cobertura de palha, oferecendo várias alternativas de se armar redes.

A cozinha pode vir como um módulo à parte, com passadiço ou não, e recebendo ou não um fogão feito de barro com trempe industrializada ou feita de lata pelos próprios índios. Do contrário, os alimentos são cozidos em fogo sobre o chão.

O vazilhame é constituído de caldeirões e panelas de alumínio entre outros, (pois se aproveita tudo que possa servir de recipiente), também utilizados para buscar e armazenar água.

Para iluminação, utilizam lamparinas a querosene feitas com o aproveitamento de pequenas latas.



Da cultura material, pudemos observar a confecção de paneiros, esteiras e redes de algodão.

A situação de saúde ainda é precária entre os Jami nawa, em face da realidade sócio-econômica da comunidade e a infraestrutura básica existente.

Há algumas iniciativas de construção de fossas e ca cimbias principalmente em Ananaia, mas a água do rio ainda é utiliza da para beber e tomar banho e os dejetos e lixo ainda são lançados a céu aberto.

Além de surtos de sarampo e caxumba observados, é co mum a incidência de outras doenças como diarreia e afecções nos olhos e couro cabeludo.

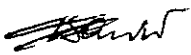
A aldeia é atendida pela Prefeitura local, que cons truiu a escola que lá está, em madeira cerrada, com cobertura de zinco, quadro-negro e carteiras. Os Professores e Atendentes de saú de são contratados e pagos pelo Estado.

O local construído em paxiúba para funcionamento da enfermaria, serve também como casa de rádio transmissor.

Os Jaminawa sempre viveram em diversas aldeias loca lizadas na bacia do alto Purus, fixando-se, nos últimos tempos, em seus afluentes Iaco e Acre, além de águas peruanas.

Dispersaram-se em diferentes épocas por distenções internas e por necessidades de conseguirem diversos produtos de fa bricação nacional, tendo como referência os rios Iaco, Acre e Chan dless.

Segundo José Correia da Silva, residente em Ananaia, os Jaminawa da cabeceira do rio Acre dividem-se em facções autodenominadas Xixinawa, Tsapanawa, Kaxinawa e Iauanawa. A maioria é cons tituída de Xixinawa que por isso, detém o poder político dentro da aldeia.

As facções Kaxinawa e Iauanawa não correspondem aos mesmos índios do rio Gregório, Jordão e Purus, entre outros com a mesma denominação, havendo entre eles diferenças de dialeto. 



FUNAI  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

09

Com o fim da era dos patrões, dos aviamentos, dos barracões, os Jaminawa passaram à produção de borracha por conta própria, dentro do seu território retomado e desocupado.

Tentam, atualmente, dedicar-se ao trabalho agropecuário conforme o modelo de ocupação vigente no Estado, retomando cultivos tradicionais, já que o trabalho seringueiro não permitia nada além das roças de mandioca, caça e pesca.

Atualmente a produção é muito pequena, só para a subsistência. Para aquisição de bens industrializados, ainda recorrem à relação patrão-empregado, vendendo sua mão-de-obra na região ou fazendo negócio entre eles mesmos, ou comercializando a borrcha no verão.

As formas de organização interna para o trabalho agrícola existente são a "troca de dia" e o "trabalho adjunto" (mutirão).

Os índios que são assalariados podem fornecer alguma mercadoria, ~~pre~~ providenciar o conserto de motores, contratar para o trabalho na sua roça, comprar algum excedente e receber pagamentos em gêneros ou serviços. A cantina organizada na aldeia sede (Ananaia) funcionando na casa de José Correia, que a dirige, faz comumente o mesmo papel.

As empreitadas que costumam fazer nas propriedades da região têm sido um fracasso. Como não estavam conseguindo comercializar o excedente agrícola, partiram para uma empreitada em propriedades vizinhas (broca, derrubada, plantio de pasto), visando ao dinheiro para compra de mercadorias. Não conseguiram saldo e como trabalharam para terceiros, na aldeia não havia sequer farinha.

A aquisição de açúcar, sal, querosene, roupas, sabão, ferramentas, utensílios domésticos continua sendo um grande problema para o desenvolvimento da comunidade.

A produção de borracha só é feita no verão e comercializada diretamente na cidade de Assis Brasil. Os seringueiros localizam-se no centro da mata.

Nas roças cultivam principalmente a mandioca e a banana, que constituem a base alimentar do grupo, juntamente com o peixe. Como complemento, plantam milho e arroz. As áreas agrícolas localizam-se próximo às aldeias e as ferramentas utilizadas são terçados e enxadas.

Criam, em pequena escala, animais como gado bovino, galinhas, patos, carneiros. Tanto as roças como a criação de animais, são familiares.

Pagam a cantina que lhes fornece mercadorias básicas, com a produção, sendo que a cantina eventualmente pode também comprar-lhes alguns produtos.

Nas imediações das casas, a caça vem se tornando cada vez mais difícil, sendo comum a captura apenas de macacos. Para a caça de outros animais é necessário ir mais longe, rio acima, na região do igarapé Patos (porquinho, veado, jabuti). Utilizam para caçar espingardas 28 e 20.


A pesca é feita no rio Acre, através de tarrafas e anzóis. A tarrafa é imprescindível, mais importante que a espingarda. Em toda casa é possível vê-la pendurada ou sob os cuidados dos homens que se ocupam em fazê-las ou restaurá-las. É que a tarrafa possibilita a obtenção mais imediata de alimento, nas horas de folga próximo da casa. Os peixes mais comuns são mandim, curimatã, peixe-cachorro.

Assim como a caça, peixes mais graúdos, só podem ser encontrados, rio acima, na região do igarapé Patos.

Entre os Jaminawa, existem 14 índios que requereram aposentadoria por idade, recebendo atualmente um salário mínimo acrescido do abono.

Afora o exposto, outros recursos que chegam à aldeia originam-se de projetos financiados pelo PMACI/SEMAM e OXFAM (Inglaterra).

A comunidade Jaminawa, possui na cidade de Assis Brasil, uma casa de trânsito, que será reconstruída com recursos do PMACI/SEMAM.



#### IV - A ÁREA INDÍGENA/CONCLUSÃO

Apresentada em reunião com a comunidade, a proposta de área anterior não teve seus limites confirmados. Os seringais indígenas, na sua grande parte, estavam fora da área, assim como a região do igarapé Patos, fundamental à identidade do grupo pelo seu valor histórico, além da sua importância para a subsistência, em função dos recursos em caça e pesca utilizados pelos índios.

Além dos critérios de tradição imemorial, os Jaminawa consideraram a presença efetiva de não índios na área, no sentido de tornar sua demarcação exequível. É o caso do igarapé Bom Princípio, onde os índios dividem estradas de seringa com moradores desse igarapé. Essa região fica entre os igarapés Porto Rico e Bom Princípio onde existe um igarapé sem nome.

Dessa forma, a área indígena identificada limita-se à leste com a Reserva Extrativista Chico Mendes (já demarcada); ao sul com o Peru tendo como divisa o rio Acre; à oeste com a Estação Ecológica do Rio Acre (Dec. nº 86.061 - 02/06/81) e a Área Indígena Mamoadate (demarcada) e ao norte, com as colocações de seringa trabalhadas por não índios.

Dentro desse perímetro, não há ocupação estranha à etnia Jaminawa. Dos ocupantes anteriores, constituídos por duas famílias, um veio a falecer e o outro retirou-se da área. Desde o fim do sistema seringalista, com seu território desocupado, os Jaminawa passaram à produção autônoma de borracha.

Os índios ocupam a margem esquerda do rio Acre, onde constroem suas casas, desenvolvendo roças nas imediações.

Na região do igarapé São Lourenço e afluentes, até acima da confluência com o igarapé Porto Rico, localizam-se os seringais indígenas, de onde provém toda a produção de borracha Jaminawa.

Parte dos seringais Petrópolis e São Francisco incidem na área reivindicada pelos índios.

A respeito do seringal Petrópolis, o levantamento fundiário e cartorial levado a efeito pelo GT 2055/E, de 20.06.86,





constante do Processo FUNAI/BSB/0430/87, aponta cinco imóveis registrados no cartório de Sena Madureira, como partes integrantes desse seringal, que não tem origem em título definitivo, originando sua cadeia sucessória de uma Escritura Pública de compra e venda em 1958.

Ainda segundo o relatório do referido Grupo de Trabalho, o imóvel seringal Petrópolis, foi discriminado pelo INCRA em 1984, chegando a Comissão Especial de Discriminação de Terras Devolutas da União, no Estado do Acre à conclusão que "o seringal Petrópolis, gleba Maringá e outros, estão sobrepostos partes pelo seringal Guanabara, este por sua vez, foi reconhecido como origem de uma demarcação realizada em 1905. O excedente destes seringais atingidos, foi excluído do bojo da discriminatória, para posterior análise e apreciação".

Nos igarapés Recursos, Porto Rico e São Domingos, além do corte da seringa, os índios caçam. Porém é no igarapé Patos que a caça é mais abundante e por isso disputada pelos índios e moradores da região.

O Prefeito de Assis Brasil pretendia retirar desse local, as madeiras para a construção de casas populares - (COHAB) na sede do Município, mas os índios não permitiram.

Essa região é local de antigas aldeias Jaminawa e é freqüentada até hoje por eles para caça e pesca.

Após anos de exploração de sua mão-de-obra e espoliação do seu território, encontram-se hoje numa situação precária, dependendo de uma atividade em plena decadência e que paradoxalmente, foi a causa de tudo: a exploração da borracha.

Da mesma forma que a população se recupera demograficamente, a economia do grupo precisa se recuperar e adquirir estabilidade, para o que a regularização das suas terras é um passo fundamental.

Isto posto, torna-se necessário garantir-lhes limites ao avanço das frentes de ocupação na região; a preservação do patrimônio em flora e fauna; do patrimônio histórico básico à sua

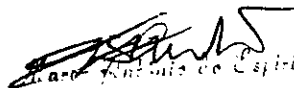
*[Handwritten signature]*

identidade, proporcionando a ocupação e fiscalização eficaz da terra e manutenção de aspectos econômicos, sociais e culturais típicos.

A área identificada para usufruto dos Jaminawa perfaz um total aproximado de 76.680 ha, com 170 km de perímetro.

O ecossistema existente é o chamado trópico úmido, com predominância de florestas tropicais.

Caracterizada a ocupação imemorial da área pelos Jaminawa e de forma permanente, sua posse e usufruto lhes são garantidos e se encontram respaldados nos termos da Constituição Federal, artigo 231.

  
Diretor Nacional do Espírito Santo  
DID/SUAF/1992



FUNAI  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

14

## LEVANTAMENTO POPULACIONAL

### POÇO DO ANANAIA

1. Manoel Luiz Jaminawa - 28 anos  
Maria - 25 anos
  - Rosana - 2 anos
  - Luiz da Silva Jaminawa - 72 anos, aposentado, pai de Manoel
  - Elda - 41 anos, irmã de Manoel, filhos:
    - Saliene - 13 anos
    - Eliane - 10 anos
    - Rosemar - 07 anos
    - Biraci - 04 anos
    - Leciane - 01 ano

### ESTIRÃO DO ANANAIA

1. Oscar Cruz da Silva Jaminawa - 57 anos, aposentado por invalidez.  
Maria Joaquina - 72 anos
  - Doca - 19 anos
  - Dimas - 16 anos
  - Madalena - 22 anos, filhos:
    - Marivaldo - 13 anos
    - Marilsa - 10 anos
    - Isael - 06 anos
    - Isaque - 04 anos
    - Isaíra - 01 ano

*Estimado*





=15=

### SAMAÚMA

1. Otávio - 65 anos, aposentado  
Miguelina - 65 anos, aposentada
  
2. Tereza - 48 anos, viúva, filha de Otávio
  - Alzira - 28 anos
  - Samuel - 16 anos
  - Marinilsa - 09 anos
  - Nilto - 15 anos (neto)
  - Bito - 09 anos (neto)
  - Tota - 08 anos (neto)
  
3. João do Otávio - 27 anos
  - Vitória - 27 anos
  - Creuza - 11 anos
  - Creude - 08 anos
  - Gilson - 07 anos
  - Leda - 06 anos
  - Linda - 03 anos

### MANGUEIRAL

1. Raimundinho - 23 anos
  - Nazaré - 32 anos
  - Adelina - 16 anos, filho do irmão de Raimundinho com Nazaré
  - Alidão - 12 anos, filho do primo de Raimundinho com Nazaré
  - Abideão - 10 anos, " " " " " " "
  - Linda - 08 anos, " " " " " " "
  - Ronaldo - 01 ano, filho do casal

~~2015~~



FUNAI  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

=16=

2. Clementino - 78 anos, aposentado  
Maria - 68 anos, aposentada  
Tereza - 30 anos, enteada do Clementino, filhos:
  - Darci - 12 anos
  - Darise - 10 anos
  - Lira - 08 anos
  - Narciso - 01 ano
3. Mariquinha - 50 anos, viúva
  - Severino - 27 anos
  - Dimas - 18 anos
  - Jordão - 15 anos
  - Agda - 12 anos
  - Artur - 08 anos
  - Antônio - 06 anos
  - Kaci - 06 meses
4. Agostinho - 29 anos, filho de Clementino  
Tereza - 48 anos

**LAGOA (foz do igarapé S.Lourenço)**

1. Alfredo - 68 anos, viúvo  
Maria - 80 anos, mãe de Alfredo  
Juari - 52 anos, irmão de Alfredo  
Milton - 15 anos, filho de Alfredo
2. Roberto - 29 anos, filho Juari  
Marilene - 19 anos
3. Batista - 32 anos  
Nazaré - 39 anos
  - Nilda - 11 anos
  - Nilde - 02 meses
  - Roberto - 12 anosMiguel - 48 anos, sogro de Batista

~~5~~



FUNAI  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

=17=

4. Lauro - 18 anos  
Suela - 15 anos

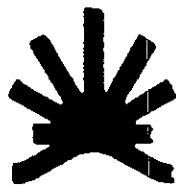
#### SÃO LOURENÇO

1. José Paulo - 23 anos  
Vitória - 20 anos  
- Zequinha - 03 anos  
- Nita - 01 ano
2. Sebastião - 65 anos, aposentado  
Chiquinha - 65 anos, aposentada
3. Chico Grosso (Francisco Pedro) - 40 anos  
Rosa - 19 anos
4. Antônio Pedro - 29 anos  
Creusa - 25 anos  
- Antonino - 11 anos  
- Edileusa - 08 anos  
- Edineusa - 02 anos  
- s/nome - 01 ano
5. José Pedro - 35 anos

#### RIO BRANCO (nome do igarapé peruano)

1. Antônio José da Silva - 38 anos  
Luzia - 25 anos  
- Érica - 15 anos  
- Neide - 08 anos  
- Jacira - 05 anos  
- Jandira - 01 ano

*[Handwritten signature]*



FUNAI  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

=18=

2. Maria - 65 anos, viúva  
Manoel - 14 anos, neto.
  
3. Abdias - 21 anos  
Beta - 17 anos
  
4. Francisco - 32 anos  
Iracema - 36 anos  
- Genesio - 11 anos  
- Mocinha - 10 anos  
- Dico - 03 anos  
- Letícia - 08 meses
  
5. Mariano - 25 anos  
Moça - 25 anos  
- Pinga - 08 anos, enteada de Mariano  
- Silva - 02 anos

**DIVISA (com a Reserva Extrativista Chico Mendes)**

1. Nego (Nivaldo Bezerra) - 45 anos  
Marina - 50 anos  
- Raimunda - 16 anos  
- João - 12 anos  
- Lacir - 07 anos
  
2. Antônio - 25 anos  
Élica - 14 anos  
- Pretinho - 03 anos, filho de Antônio
  
3. José - 18 anos  
Alzira - 17 anos



FUNAI  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

=19 =

### SÃO FRANCISCO (Berraco)

1. Manoel Batista (Charuto) - 47 anos, Manchineri
- Tereza - 38 anos, Manchineri
- Marinês - 17 anos
- Clenilda - 15 anos
- Terezinha - 11 anos
- Lucimar - 09 anos
- Gilmar - 04 anos
- Ana Célia - 02 anos

### CHEGADINHO

1. Manduca - 38 anos, Manchineri
- Maria - 28 anos
- Juliana - 75 anos, aposentada, mãe de Manduca
- Juca - 09 anos

### TERRA ALTA

1. Jorge Gerônimo Rodrigues - branco
- Iraci - Manchineri
- Valdir - 06 anos
- Raimundo - 13 anos
- Délcio - 11 anos
- João - 16 anos
- Aldo - 01 ano
- Tarcília
- Artemiro - 03 anos, filho Tarcília

*[Handwritten signature]*



FUNAI  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

=20 =

2. Agostinho Moreno da Silva - Manchineri

- Rosa - Manchineri  
- Hugo - 13 anos  
- Cleide - 10 anos  
- Cleumo - 07 anos  
- Railson - 05 anos  
- Décia - 01 ano

Encontravam-se trabalhando para terceiros na extração de castanha:

3. Francisco Batista - 28 anos, Manchineri

- Lúcia - 20 anos, Jaminawa  
- Geraldina - 08 anos  
- Gilmar - 01 ano

Maria Batista - 66 anos (Katiana), mãe do Francisco, aposentada.

4. Martinho Batista da Silva - 45 anos, Manchineri

- Ermina - 39 anos, Manchineri  
- Neusa - 15 anos, enteado do Martinho  
- Filica - 14 anos " " "  
- Nego - 12 anos " " "  
- Roberto - 06 anos  
- s/nome - 03 anos  
- s/nome - 01 ano

5. Moisés - 32 anos (yauanaua)

- Maria Batista - 22 anos (Manchineri)  
- Jéssica - 08 anos  
- s/nome - 01 ano

**ANANAIA**

1. José Correia da Silva - 39 anos
    - Ana Maria - 28 anos
    - Aderaldo - 12 anos
    - Arimar - 10 anos
    - Artemira - 08 anos
    - Alessandra- 02 anos
  
  2. José Antônio - 60 anos
    - Helena - 68 anos, aposentada
    - Osvaldo - 14 anos
    - Elizabete - 16 anos
    - Arialdo Correia - 14 anos, genro de José Antônio
  
  3. José Antônio Filho - 20 anos, casado com Tarcília (Terra Alta)
  
  4. Machico - 66 anos, aposentado
    - Luzia - 65 anos, aposentada
    - Marizinha - 16 anos, filha:
    - Alcimar - 01 mês
    - Lídia - 12 anos, enteada de Machico
  
  5. Paulo do Machico - 33 anos
    - Ana Rodrigues Gerônimo - 27 anos, Manchineri
  
  6. Adão Barbosa - 42 anos
    - Miguelina - 40 anos
    - Aridão - 07 anos
  
  7. Francisco Xavier - 32 anos
    - Tereza - 58 anos
    - Marinilza - 04 anos
- ~~\_\_\_\_\_~~



FUNAI  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

=22 =

8. Paulino - 33 anos  
 Lourdes - 26 anos  
 - José Nilton - 06 anos  
 - Marinilda - 02 anos
9. Antônio (Tintin) - 24 anos  
 Rosa Pequena - 32 anos  
 - Bito - 07 anos, enteada do Antônio  
 - Rosemira - 01 ano
10. Júlio - 32 anos  
 Esmeralda - 20 anos
11. Chico do Raimundo - 40 anos  
 Chica - 42 anos  
 - Edvaldo - 18 anos  
 - Messias - 16 anos  
 - Sérgio - 08 anos  
 - Isaura - 03 anos

Total aldeados:	Jaminawa	-	161
	Manchineri	-	41
	Katiana	-	01
	Yawanawa	-	01
	não-índios	-	01
			205

*[Handwritten signature]*



**BRASILÉIA**

1. Manoel Tibo - 50 anos, viúvo  
Manoel Samarrã-25 anos, Mantineri , genro de Manoel Tibo  
Tereza - 19 anos, mulher de Samarrã  
- Luzia - 16 anos, filha de Samarrã
  
2. José Batista - 45 anos  
Antônia - 40 anos  
- 05 filhos
  
3. Abel - 46 anos  
Maria - 40 anos  
- 04 filhos  
Kuxicáique - 60 anos, pai de Abel
  
4. Adimilson- 28 anos  
Neusa  
- 03 filhos  
Maria - 60 anos, sogra de Adimilson
  
5. Pedrinho do Genaro - 35 anos  
Tereza - 40 anos  
Afonso - 25 anos (Boliviano)  
Francisca - 16 anos, mulher de Afonso  
- 03 filhos
  
6. Samuel - 40 anos  
Mariquita - 40 anos  
- 07 filhos
  
7. Santiago - 52 anos, viúvo  
- Antônia - 38 anos, viúva  
- 02 filhos

*[Handwritten signature]*



FUNAI  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

=24=

- Luzia - 18 anos
- Joseima - 15 anos
- Cleudi - 12 anos

<b>Total na cidade de Brasília:</b>	Jaminawa	-	45
	Manchineri	-	01
	Boliviano	-	01
			<hr/>
			47

*[Handwritten signature]*



FUNAI  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

LEVANTAMENTO: INFRA-ESTRUTURA

=25=

1. Escola de madeira cerrada, com cobertura de zinco, quadro-negro, carteiras.
2. Enfermaria em paxiúba, cobertura de zinco, funciona também como casa de rádio.
3. Rádio Transmissor
4. 05 cacimbas
5. 01 fossa
6. Campo de futebol
7. 26 cabeças de gado
8. 32ha de pasto formado
9. 02 monitores bilingues formados pela CPI/ACRE
10. 02 agentes de saúde formados pela CPI/ACRE
11. 01 monitor de pecuária formado pela CPI/ACRE
12. 01 monitor em mecânica
13. 03 motores - 02 Tietê (PMACI) 01 (OXFAM)
14. 02 barcos - 01 (PMACI)
15. 01 motor para casa de farinha (OXFAM)
16. Implementos agrícolas e uma balança

*[Handwritten signature]*



**FONTES:**

MENDES, Artur Nobre - Relatório de Viagem - 1989

CRUVINEL, Noraldino Vieira - Relatório de Viagem - 1977

Informativo FUNAI Nº 17, Ano V, 1976

Atlas Geográfico Ambiental do Acre - Governo do Estado do Acre, Secretaria do Meio Ambiente - 1991.

Porque o Povo Jaminawa mudou-se para o rio Acre? - José Correia da Silva Jaminawa - 1988.

Proc.FUNAI/BSB/1286/86

Proc.FUNAI/BSB/0430/87